



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

Luanna Heloisa Silva Pereira

**A COMPLETUDE DO SER:
vivendo o amor em “Amor – pois que é palavra essencial” e “Era
manhã de setembro” de Drummond**

Castanhal/PA

2019

Luanna Heloisa Silva Pereira

**A COMPLETUDE DO SER:
vivendo o amor em “Amor – pois que é palavra essencial” e “Era
manhã de setembro” de Drummond**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Letras,
Campus Universitário de Castanhal, da
Universidade Federal do Pará, como
requisito para a obtenção de grau de
licenciada em Letras, Habilitação em
Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. André Luís
Valadares de Aquino

Castanhal, PA

2019

Monografia apresentada como requisito necessário para obtenção de título de licenciada em Letras- Língua portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA).

Luanna Heloisa Silva Pereira

Monografia apresentada em: ____/____/____.

Orientador: Prof. Me. André Luis Valadares de Aquino

(UFPA, Campus Castanhal - PA)

Avaliador (a) 1: Prof. Dr. José Francisco da Silva Queiroz

(UFPA, Campus Castanhal – PA)

Avaliador (a) 2: Prof. Me. Mário da Silva Santos Neto

(UFPA, Campus Bragança – PA)

Dedico este trabalho, ao meu filho,
Vinícius,
Grande incentivador dos meus sonhos...
Luz da minha vida.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente a Deus, pois ele é minha força e a razão de todas as coisas.

Quero agradecer ao professor e orientador André Aquino, por ter me acolhido, me apoiado, nessa trajetória do trabalho de conclusão do curso com suas sugestões e ideias, paciência e todos seus conhecimentos acadêmicos que me ajudaram a produzir esse trabalho.

Meus pais Zenilda e Aluisio, que com toda dificuldade me ajudaram em toda trajetória escolar e acadêmica, e que estiveram nos melhores e nos piores momentos da minha vida. Vocês foram de grande importância na minha vida, meus grandes incentivadores e base de tudo que sou. Meus irmãos Luann Bento e Antônio Gabriel, crianças maravilhosas e em especial a minha irmã Laíza Andressa, companheira de vida e luta em que juntas passamos boa parte de nossas vidas, aprendendo, caindo e nunca desistindo.

Ao meu esposo Wemison Araújo e sua família, muito amoroso e carinhoso, sempre paciente comigo, incentivador dos meus sonhos, pai do meu filho que tanto amamos e que juntos venceremos cada desafio que a vida exigir.

Ao grupo de amigas da sala de aula “AS MANAS”, Geisiane Evellin, Izabela Karen, Jackeline Araújo, Máissa Tais e Savannah Corrêa, verdadeiros anjos na minha vida e de grande importância na ajuda dos meus conhecimentos neste curso, gratidão à todas que puderam compartilhar grandes momentos e lembrança durante esses anos.

Amigos de toda vida e familiares que sempre alegraram minha vida, meus dias de tristeza, que é sempre um prazer em ter por perto.

É chagado ao fim desse ciclo de aprendizagem com conhecimentos que levarei para minha vida profissional, agradeço a todos que direta ou indiretamente participaram dessa fase, aos professores, à instituição UFPA que sou muito orgulhosa em ter tido vínculo acadêmico. Muito Obrigada!

Vivre sans volupté c'est vivre sous la terre.
(Viver sem volúpia é viver sob a terra)

Ronsard, Sonnets pour Hélène

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender a maneira de formar o conteúdo sexual em poemas do livro *O amor natural* de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, levantou-se aspectos gerais da obra do poeta mineiro e aspectos particulares debatidos nos estudos críticos em torno daquele seu livro póstumo. As noções de erotismo, obscenidade e pornografia foram levantadas na teoria literária e cultural para ao fim e ao cabo de uma análise de poemas drummondianos poder classificar e situar a sua criação libertina numa tradição de uso da palavra interdita. A presente leitura dialoga com os ensaios de José Guilherme Merquior, Eliane Moraes, Lynn Hunt, entre outros estudiosos, que permitem entender o recurso às noções de obsceno, erótico e pornográfico na história da literatura e do pensamento. A poesia de Drummond joga com as noções de obsceno, pornográfico e erótico de uma maneira cambiante e inquieta (uma inquietude na poesia de Drummond, como defende Antonio Candido), elevando a linguagem libertina, desempenhando no leitor uma função de formação do desejo.

Palavras-Chave: Poesia, Drummond, Erotismo, Pornografia, Efeito obsceno.

ABSTRACT

The present work aims to understand the way to form the sexual content in poems of the book *O amor natural* of Carlos Drummond de Andrade. For that, general aspects of the poet's work and particular aspects debated in the critical studies around that his posthumous book were raised. The notions of eroticism, obscenity and pornography were raised in literary and cultural theory to the end of an analysis of drummondian poems to be able to classify and situate their libertine creation in a tradition of the use of the word interdict. The present reading is a dialogue with the essays of José Guilherme Merquior, Eliane Moraes, Lynn Hunt, among other scholars, that allow us to understand the use of obscene, erotic and pornographic notions in the history of literature and thought. Drummond's poetry plays with the notions of obscene, pornographic and erotic in a changing and restless way (a restlessness in the poetry of Drummond, as defended by Antonio Candido), elevating the language libertine, playing in the reader a function of formation of the desire.

Key words: Poetry, Drummond, Eroticism, Pornography, Obscene effect.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
1- O pulsar do Ser: vida e obra de Carlos Drummond de Andrade.....	12
2- (In)Definindo conceitos.....	16
3- “Um instante eterno”: a naturalidade do amor em Amor – pois que é uma palavra essencial e Era manhã de setembro.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	35

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Amélia Dalvi, na epígrafe de seu livro *Drummond, do corpo ao corpus: O amor natural toma parte no projeto poético-pensante* (2013), usa a frase de Jean-Luc Nancy e Federico Ferrari, que diz: “A escrita e o movimento na escrita apenas emergem no momento em que dois corpos afloram, quando dois corpos de escrita ressoam um através do outro.”¹ A literatura, assim, é um envolvimento entre escritor/escrita e escrita/leitor. A relação entre a escrita e o corpo é o ponto da poesia de Carlos Drummond de Andrade que aqui é tocado.

O presente trabalho tem por objetivo compreender a maneira de formar o conteúdo sexual em poemas do livro *O amor natural* de Carlos Drummond de Andrade. Para tanto, levantou-se aspectos gerais da obra do poeta mineiro e aspectos particulares debatidos nos estudos críticos em torno daquele seu livro póstumo. As noções de erotismo, obscenidade e pornografia foram levantadas na teoria literária e cultural para ao fim e ao cabo de uma análise de poemas drummondianos poder classificar e situar a sua criação libertina numa tradição de uso da palavra interdita.

Este trabalho está dividido em três seções, sendo a primeira dedicada ao poeta Carlos Drummond de Andrade, que segundo Antônio Candido no ensaio *As inquietudes na poesia de Drummond* durante sua vida/escrita, propôs-se a trabalhar as complexidades e questionamentos do homem diante do mundo, o que faz de sua obra, um marco para a literatura brasileira e universal.

Na segunda seção discutimos as noções de erotismo, pornografia e obsceno em diálogo com os ensaios *Razão do Poema* (1996) de José Guilherme Merquior, *O efeito obsceno* de Eliane Moraes, *Obscenidade e as origens da modernidade, 1500 – 1800* (1999) de Lynn Hunt, entre outros estudiosos, que permitem entender o recurso às noções de obsceno, erótico e pornográfico na história da literatura e do pensamento.

A terceira sessão dar-se com o objetivo de analisar dois poemas que compõe o livro *O Amor Natural*: “Amor – pois que é palavra essencial” e “Era manhã de setembro”. O homem vive a dubiedade do Amor, entre corpo e espírito. Na poesia de Drummond o sexo torna-se ao homem algo natural de sua constituição, deixa de ser

¹ DALVI, Maria Amélia. *Drummond, do corpo ao corpus: o amor natural toma parte no projeto poético-pensante*, 2013, p. 11.

uma condenação para ser uma válvula de escape do mundo conturbado. O homem se torna completo por meio do Amor carnal.

Drummond tematiza o conteúdo sexual para cantar a complexidade de um Amor que poucos veem com graciosidade. Por meio de sua elaborada e prazerosa escrita, o poeta nos enlaça num jogo atraente de palavras que ganham corpo e nos seduzem até o mais profundo mistério do ser: o gozo por meio da leitura. Como veremos, tal efeito distancia o texto de Drummond da mera indústria mercadológica da pornografia pelo recurso do jogo erótico.

1. O PULSAR DO SER: VIDA E OBRA DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

*E como eu palmilhasse vagamente uma estrada de Minas, pedregosa, [...] a máquina do mundo se entreabriu para quem de a romper já se esquivava...*²

Carlos Drummond de Andrade, nasceu em 31 de outubro de 1902 na cidade interiorana de Itabira, Minas Gerais. Membro de uma família tradicional e donos de terras, viveu em meios rurais, sempre alheio as condições econômicas de sua família, sendo considerado uma criança diferente das demais.

Drummond, reflete em seus textos, todo o paradoxo que o homem vive. Como vemos no trecho de seu poema “A máquina do Mundo” (1949), Andrade “palmilhou” o mundo com a sua poesia, rompeu as “estradas de Minas” e chegou aos inquietantes caminhos do mundo por meio da Máquina das palavras. Drummond, como afirma José Guilherme Merquior “[...] define o fluido e complexo mundo do homem”.³

Estudou em regime de internato, formou-se na faculdade de farmácia pela Universidade Federal de Minas Gerais, porém, não seguiu a carreira. Sua trajetória profissional foi trabalhando como redator de um jornal da cidade de Itabira, onde nesse período escreveu alguns poemas como o famoso “No Meio do caminho” (1928), na década de 30 lança seu primeiro livro de poemas intitulado *Alguma poesia*.

Considerado da segunda fase do modernismo, Drummond foi um dos pilares da poesia brasileira do século XX, fez um vasto uso das formas livres na configuração lírica. A convite de Gustavo Capanema em 1934 foi trabalhar no Rio de Janeiro, como funcionário do gabinete do ministro, Drummond era considerado um simpatizante do comunismo, por isso nesse período de vida escreveu algumas obras poéticas que falavam sobre sua visão social.

Um grande marco na sua vida como escritor foi o lançamento de a Rosa do Povo (1945), um livro modernista, com versos livres, de poemas sociais, urbanos e políticos que marcou uma de suas fases como escritor. Carlos Drummond escreveu sobre suas lembranças do interior de Minas gerais, família, amigos, amores, temáticas sociais.

² ANDRADE, Carlos Drummond. *A máquina do mundo* in Antologia poética apud PIRES, Antônio Donizeti. *A máquina do poema e a Máquina do mundo: primeiro esboço para uma poética*, 2005, p. 1.

³ MERQUIOR, José Guilherme. “*A Máquina do Mundo*” de Drummond in Razão do Poema, 1996, p. 113.

Merquior, em seu ensaio “‘A máquina do mundo’ de Drummond”, situado em *Razão do poema*, identifica três fases poéticas do escritor: do “[...] humorismo dos começos, do “poeta social” de *Sentimentos do mundo* e *A Rosa do Povo*, se teria transformado num pessimista semiclássico [...]”⁴.

Neste ensaio, no entanto, não consta uma quarta fase, a erótica, que talvez, possa ter permeado a segunda e terceira fases, ou, quiçá desde a primeira, pois como afirma Mariana Quadros sobre o livro *O amor natural*, “desde a década de 1970, textos eróticos vinham sendo veiculados de forma esparsa pelo poeta em edições de arte e em revistas voltadas para diferentes públicos”⁵. Sendo assim podemos falar de uma quarta fase, ou de um momento que permeou todas as fases da escrita de Drummond.

Mas, qual seria o motivo de o autor não publicar sua obra explicitamente erótica em vida? Por que optou por publicar apenas poucos poemas? Se atentarmos para as declarações do autor a respeito de seus poemas eróticos, Drummond havia guardado a maiorias por receio de como seria recepcionado seus escritos.

Drummond escreveu poemas eróticos durante em vida, publicou algumas dessas poesias em periódicos, mas não pretendia lançar um livro com mais poemas para não ser, como ele mesmo disse em uma entrevista para Mattos Barreto em *O Estado de São Paulo*, considerado um “velho pornográfico”⁶. No entanto, após sua morte em 1987, foi lançado o livro *O Amor Natural* (1992) que fala sobre o amor como acontecia na sua plenitude, descrevia partes íntimas do corpo do homem e mulher, para contar sensações que são da natureza humanas.

O livro “A experiência e linguagem na poesia de Carlos Drummond de Andrade”, de André Vinícius Pessôa, faz uma análise de como Drummond utilizava a linguagem em seus poemas juntamente com o ponto de vista de três críticos capitais da poesia brasileira em torno escritor, a saber, Antônio Candido, José Guilherme Merquior e Haroldo de Campos. O pesquisador conclui que:

A identificação da experiência com a linguagem com a linguagem da experiência sempre pautou a obra de Drummond desde o seu surgimento, a definindo, frente aos desdobramentos de sua dinâmica bifásica e atividade constante, como uma inquieta e vibrante arquitetura fundada no tempo.⁷

⁴MERQUIOR, José Guilherme. “*A Máquina do Mundo*” de Drummond in *Razão do Poema*, 1996, p. 100.

⁵ QUADROS, Mariana. Nenhum canto radioso? (posfácio) In ANDRADE, Carlos Drummond. *O Amor Natural*, Editora SCHWARCZ S.A. — São Paulo.

⁶BARRETO, Mattos. Drummond; brinquedo de armar, 1985. P. 31 apud BARBOSA, Rita de Cassia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*, 1987, p. 8.

⁷ CAMPOS, Haroldo de. *Drummond, mestre de coisas*. In: *Coleção Fortuna Crítica*, 1978, p. 246.

André Vinícius Pessoa ressalta que a experiência colocada em suas escritas é a “pedra de toque” em seus escritos e o subjetivismo era notado claramente, utilizando o eu como sujeito protagonista em constante transformação, “assumindo o controle principal dos seus experimentos” nos poemas. O que nos deixa claro sua linguagem da experiência, um jogo “drummondiano”.⁸

Ainda segundo Pêsoa:

Sua experiência de vida é tecida na experiência da poesia. Vida e poesia constituindo-se, enrodilhadas em toda sua obra, unidas seguem os passos de um mesmo caminho. O ser que permanece é o mesmo que se transforma com os versos. A poesia de Drummond é toda feita desse encontro de ser e linguagem⁹

Pêsoa se refere a poesia em geral de Drummond, mas é impossível não darmos ênfase na poesia erótica do poeta. Por meio dela esse “Ser”, concretiza-se não apenas no poeta, mas no próprio leitor. Pois, mais do que ler a poesia de Drummond, o leitor passa a ser/viver a linguagem que constituem os poemas eróticos acarretando no ápice do prazer. Podemos dizer, então, com Roland Barthes: “Se leio com prazer esta frase, esta história ou esta palavra, é porque foram escritas no prazer [...]”¹⁰. Assim dá-se a linguagem da experiência em Drummond.

Mesmo trazendo oscilações em sua escrita, Drummond possui a mesma profundidade do eu em todas suas obras. Segundo Haroldo de Campos:

“Drummond é antes de mais nada [...] um inventor (nele tudo é palavra, já observou Décio Pignatari), e por isso mesmo, há nele essa capacidade rara de transferir mesmo as efemérides mais íntimas para o horizonte do fazer de celebrá-la então não em “festa”, mas em criação, na “luta corpo-acorpo com a palavra”, que deve ser, aliás, em poetas como ele, o secreto exercício para a perene juventude do espírito”¹¹

Essa juventude do espírito é sem dúvidas vivenciada em suas obras, mas principalmente, em *O Amor Natural*. Um autêntico inventor como disse Haroldo capaz de fazer-se e refazer-se durante toda a sua trajetória literária, que é sua vida. Pois, não há como dissociar vida e obra em Drummond.

A obra de Drummond é marcada por inquietações diante do mundo. Cada fase é marcada por uma experiência do Eu com o Mundo, que para Antônio Candido, “vai

⁸ Ibidem 6.

⁹ Ibidem, p. 7

¹⁰ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Editora Perspectiva, 1987, p. 8.

¹¹ CAMPOS, Haroldo de. *Drummond, mestre de coisas*. In: *Coleção Fortuna Crítica*, 1978, p. 246.

desde as formas ligeiras do humor até a autonegação pelo sentimento de culpa [...]”¹². Inquietações que permeiam toda a sua obra, aspectos que se notam em *O Amor Natural*.

Drummond refletia em suas obras um Ser inquieto com o seu interior e exterior, o Ser em relação a si e o Ser em relação ao mundo. Candido faz um profundo percurso diante de todas as inquietações e revela-nos as várias fases que este poeta teve durante sua escrita. Drummond cantou o eu e o mundo em sua complexidade, como nos aponta Cândido:

Na verdade, com ele [Drummond] e Murilo Mendes o Modernismo brasileiro atingiu a superação do verso, permitindo manipular a expressão num espaço sem barreiras, onde o fluido mágico da poesia depende da figura total do poema, livremente construído, que ele entreviu na descida ao mundo das palavras.¹³

Uma superação que perpassa todas as suas obras e que faz o leitor se deleitar no jogo drummondiano mágico das palavras, levando-o ao complexo universo do homem em relação ao mundo.

Não é novo falar da diversificada escrita de Drummond. Muitos pesquisadores dialogam a respeito desse vasto arco temático que possui a obra de Drummond. No entanto, é impossível não relembrar que por meio desse “mundo vasto mundo” que é sua produção poética, como afirma Maria Amélia Dalvi, “[...] Drummond trouxe à luz facetas nossas, de nossas vidas, insuspeitadas”¹⁴. Ele nos mostrou uma visão realidade pouco explorada. Ler Drummond é ler a complexidade do homem ante o mundo, do sujeito em relação à sociedade.

¹² CANDIDO, Antônio. *Inquietudes na poesia de Drummond* In Vários escritos. 1995, p. 72.

¹³ Ibidem, p. 97.

¹⁴ DALVI, Maria Amélia. Drummond, do corpo ao *corpus*: o amor natural toma parte no projeto poético-pensante, 2013, p. 18.

2. (IN)DEFININDO CONCEITOS

*Quando nossos desejos são refreados ou reprimidos, a vida torna-se má, feia, perversa e parece-se com a morte. Em resumo, torna-se o que, em geral, ela é. Afinal de contas, o mundo em que vivemos é o reflexo da imagem do nosso caos interior.*¹⁵

Tentar definir um conceito único e acabado para pornografia, erotismo e obsceno é uma tarefa difícil, visto que são noções muito próximas em suas características, chegando até a confundirem-se.

A história do conceito de pornografia abrange um período considerável, segundo Lyn Hunt (1999) sua primeira definição e de suas variações dicionarizadas apareceram no Oxford English Dictionary em 1857, mas foi na França que esses “verbetes” surgiram. De acordo com o *Trésor de la langue française*, citado por Hunt:

[...] a palavra pornografia apareceu primeiro em 1769, no tratado de Restif de la Brettonne (sic) intitulado *Le Pornographe* aludindo a textos sobre prostituição, enquanto *pornographique*, *pornographe* e *pornographie*, no sentido de escritos ou imagens obscenas, datam de 1830 e 1840.¹⁶

Essas palavras eram usadas para explicitar o sexo, ferindo, assim, o pudor e os bons costumes da época. Deste modo, a escrita pornográfica tornou-se marginalizada, pois narrava a prostituição do corpo, ou seja, transgredia a tentativa de tornar o corpo um lugar sagrado.

Se atentarmos para a história da cultura pornográfica, podemos perceber as mais diversas características nos textos em que esse tema se manifesta. Eliane Moraes, em seu estudo a respeito do efeito obsceno e da cultura pornográfica, aborda a trajetória histórica desta cultura, bem como afirma sua difícil definição: “[...] os elementos decisivos para a formação da cultura pornográfica foram dados pela literatura. Ou, mais precisamente, pelos escritos licenciosos de Aretino”¹⁷.

¹⁵ MILLER, Henry. *O mundo do sexo*. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1975, p. 103-104. In: ESTEVES, Lainister de Oliveira. *A crucificação necessária: o projeto literário de Henry Miller*, 2009.

¹⁶ HUNT, Lynn. *Obscenidade e as origens da modernidade, 1500 - 1800*; 1999, p. 13-14.

¹⁷ MORAES, Eliane Robert. *O efeito obsceno*, p. 124.

Aretino, ainda segundo Moraes, expandiu o público alvo de tais escritos quando lançou *Sonetos Luxuriosos*, que, até então, eram restritos a um pequeno círculo composto por “patronos e amigos doutos dos escritores licenciosos”¹⁸. A partir disto, seus textos foram se expandindo e disseminando a fim de atenderem a vontade de seu amplo público de leitores.

Segundo Lynn Hunt, “o desenvolvimento da pornografia ocorreu a partir dos avanços e retrocessos da atividade desordenada de escritores, pintores e gravadores, empenhados em pôr à prova os limites do ‘decente’ e a censura da autoridade eclesiástica e secular”¹⁹. Uma crítica direta aos costumes daquela época por meio da facilidade dos textos impressos, sua importância mercadológica. Assim sendo, falar de pornografia é falar em uma prostituição da própria escrita, seja no significado que os textos trazem, seja na variedade de gêneros, ou na facilidade comercial.

Apesar de a pornografia ter se consolidado, ou melhor, ter ganhado um sentido moderno durante o Renascimento e nas grandes revoluções científicas e sociais, para Hunt “[...] as fontes principais podem ser buscadas na Itália do século XVI e na França e Inglaterra dos séculos XVII e XVIII, apesar dos antecedentes da Grécia e Roma antigas”²⁰. Assim, a cultura pornográfica veio ganhando forma ao longo do tempo.

Segundo Luiz Maffei, “[...] a pornografia que se veicula em tempos atuais, que move rios de dinheiro, [...] em grande medida, desertotiza o próprio sexo”²¹. Deste modo, a história da pornografia ao longo tempo veio ganhando novas “vestes”, sendo esta, comercial, tendente à moda. Essa nova roupagem é denominada indústria pornográfica, que neste ver, traz o sexo como objeto puramente de consumo, e, para a literatura, a prostituição da própria escrita.

Uma vez que o texto pornográfico traz em si um nu sem mistérios, a leitura passa ser instigada apenas pela superficialidade das palavras, um “gozo rápido” e sem emoção. Visto que, as palavras acabam nelas mesmas, seus significados não trazem uma emoção mais profunda. Como disse Carlos Drummond de Andrade, “[...] há no Brasil –

¹⁸ MORAES, Eliane Robert. *O efeito obsceno*, p. 124

¹⁹ HUNT, Lynn. *Obscenidade e as origens da modernidade, 1500 - 1800*; 1999, p. 10.

²⁰ Ibidem, p. 10.

²¹ MAFFEI, Luiz. *“Canto a Beleza, Canto a Putaria”: de Bocage a Camões, de Bocage e Camões a Adília*, 2007, p. 79.

não sei se no mundo – no momento, uma onda que não é de erotismo. É de pornografia”.²²

O obsceno, por sua vez, mesmo possuindo estreito laço como a pornografia e o erotismo, traz em si a subversão de um pensamento purista e corresponde a uma ruptura da ordem. Merquior, fundamentado em Sartre, aponta que “obsceno é [...] por definição, o corpo, a carne que sobra; o físico que nenhum gesto meu que não o deseja e não o acaricia [...]”²³. Ou seja, um corpo que em nada é instiga o desejo.

Assim sendo, o obsceno traz a transgressão de um corpo, a corrupção da “beleza” e dá luz ao repulsivo. Por ter esse sentimento, na literatura pornográfica e na erótica – que tem por essência o sexo – muitas vezes é precocemente taxado como obsceno, pois, rasga os costumes “morais”²⁴ do pensamento comum.

É necessário, no entanto, segundo Merquior, saber diferenciar “a literatura erótica e a literatura obscena, porque o sexo só se transforma em obscenidade quando surge despido de graça e da condição de objeto de desejo [...] não é nunca adequado chamar-se uma página obscena por causa da presença de temas sexuais”²⁵. Entende-se, então, que o “efeito obsceno” se concretiza no texto dependendo da recepção do leitor, seja na literatura pornográfica, seja na erótica, tendo a primeira maior ocorrência.

Assim sendo, o “efeito obsceno” ganha corpo quando a palavra supera o próprio objeto, na qual instiga o leitor provocando-o um desejo superior, tornando-se, como propõe Moraes, “uma realidade independente”. Ou, como afirma Lucienne Frappier-Mazur, citada por Moraes, “[...] a palavra obscena não só representa, mas é a própria coisa”²⁶, uma vez que substitui o corpo real.

Com a comercialização da pornografia, o obsceno, que antes causava repulsa no leitor, passou a trazer desejo e tornou-se uma preferível ferramenta para os escritores desta linhagem, tornando-se um elemento técnico da literatura pornográfica. Uma vez que o público leitor desses textos aumentava.

²² BARRERO, Mattos. *Drummond: brinquedo de amar*, 1985, p. 31 apud BARBOSA, Rita de Cássia Barbosa. Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade, 1987, p. 8.

²³ MERQUIOR, José Guilherme. *A escola de Bocage in A razão do poema*. 1996, p. 158.

²⁴ Para Eliane, baseada em Henry Miller, o obsceno dar-se-ia como um efeito, pois, há divergências naquilo que pode ser considerado imoral. Ou seja, o efeito obsceno dar-se dependendo do que escandaliza o leitor. MORAES, Eliane Robert. *O efeito obsceno*, p. 129.

²⁵ MERQUIOR, José Guilherme. *A escola de Bocage in A razão do poema*. 1996, p. 159.

²⁶ FRAPPIER-MAZUR, Lucienne. *Verdade e palavra na pornografia francesa do século XVIII*. In: MORAES, Eliane Robert. *O efeito obsceno*, p. 130.

Quando a obscenidade se revela na arte, e mais particularmente na literatura, manifesta-se, sempre ou quase, como um dispositivo técnico. Isto é: o elemento que deliberadamente ali figura nada tem a ver com a excitação sexual (o que já acontece, no entanto, e considerando o mesmo elemento, no campo da pornografia). Um elemento desse gênero, no espaço da literatura, ultrapassa em muito a sexualidade. O seu intento é de estimular, ou melhor, o de apresentar um determinado sentido da realidade. Em certa medida, a sua utilização pelo escritor (artista na verdadeira acepção do termo) equipara-se ao milagre operado pelos Mestres dessa ou daquela religião²⁷

Nesse sentido, Henry Miller defende a obscenidade é utilizada como um efeito técnico, “milagres” feitos por poucos escritores (santos), que buscam salvar os leitores de suas ilusões “espirituais”, trazendo-os a realidade. Miller revela aqui, como afirma Eliane, “a impossibilidade de se fixar o estatuto literário da pornografia, na medida em que, para ele, nada existe que seja obsceno “em si”²⁸.

Assim sendo, neste ver, o obsceno aparece como requisito essencial dentro da poesia pornográfica, no entanto ultrapassa seu significado transgressor, e chega a um significado de liberdade. Na literatura, o obsceno “feio” torna-se “atrativo”, na medida que rompe sua própria definição marginalizada tornando-se um efeito técnico, muito utilizados pelos escritores libertinos.

Conhecidos como “coerentes anticonvencionais”, os libertinos, de acordo com Merquior:

Na França não se pode considera-los mais do que céticos ou “naturalistas”, rebeldes subterrâneos do século XVII, opositores do Grand Siècle e da ordem moral. Mas, na Península, os libertinos são gradualmente arrastados ao obsceno, e conservando uma ambivalência básica, mesmo exaltando os instintos naturais, tendem a comprazer-se no escabroso²⁹.

Dentre os escritores libertinos, Bocage leva o obsceno a um outro patamar, a comicidade, que para os escritores libertinos, é uma excelente manifestação da “consciência livre”. O que revela, assim, o conhecido “humor negro”, o sadismo – termo advindo do igualmente obsceno Marquês de Sade, escritor contemporâneo de Bocage – dos textos libertinos.

²⁷ MILLER, Henry. *Obscenidade e reflexão*. Lisboa: Ed Vega, 1991, p. 49 In: ESTEVES, Lainister de Oliveira. *A crucificação necessária: o projeto literário de Henry Miller*, 2009.

²⁸ MORAES, Eliane Robert. *O efeito obsceno*, p. 129.

²⁹ MERQUIOR, José Guilherme. *A escola de Bocage in A razão do poema*. 1996, p. 160

Na literatura erótica, no entanto, o corpo narrado ganha beleza, e seus movimentos transmitem sincronia graciosa. Como afirma Merquior, o erótico “[...] se eu puder perceber seus movimentos dentro de uma estrutura significativa onde nenhuma parte deixará de ter função”³⁰, transcenderá seu próprio significado, levando o leitor ao tão almejado prazer.

O texto erótico torna-se uma fonte de liberdade para um desejo natural do homem, que pela “ordem” é trancafiada a mando de um “pudor” que impera na sociedade. Para Roland Barthes, o leitor se torna um “[...] contra-herói [...] no momento em que se entrega a seu prazer. Então o velho mito bíblico se inverte, a confusão das línguas não é mais uma punição, o sujeito chega à fruição pela coabitação das linguagens, que trabalham lado a lado: o texto de prazer é Babel feliz”³¹.

O texto erótico leva o leitor a uma catarse³² por meio do prazer. O corpo passa a ser desejado de maneira natural, sem escândalo ou repulsa. A dança dos corpos entra em sincronia com o próprio leitor, instiga-o a sentir todos os sentimentos possíveis, leva-o ao gozo profundo. O leitor passa a acariciar o próprio texto.

A liberdade do sentir é a essência do texto erótico. Vivenciar todas as emoções sem restrições ou culpa, admirar o corpo em sua completude. Ou, como afirma Gilberto Mansur citado por Rita de Cassia, Drummond vê o erotismo como “uma condição essencial à natureza humana”³³, ou seja, algo natural do homem, e impossível de não ser sentido.

Deste modo, os escritores eróticos buscam expressar a experiência do corpo, por meio do jogo da linguagem. Um jogo sem apelações ao obsceno, e sim cantar o ato sexual como ele é: natural, belo e prazeroso. As carícias do corpo são refletidas na poesia erótica e, assim, acariciam o próprio leitor o levando a sua máxima experiência, o gozo.

Assim faz Carlos Drummond de Andrade em sua obra *O Amor Natural* leva o leitor vivenciar a liberdade do corpo por meio de sua poesia. Como ele mesmo afirma,

³⁰ Ibidem, p. 159.

³¹ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*, 1987, p. 7.

³² A palavra Catarse, possui aqui, um sentido de liberdade. Pois, liberta o leitor das correntes morais que o aprisionam. No dicionário online do português, Catarse é “Purificação; refere-se à libertação do que estava reprimido; sentimento de alívio causado pela consciência de sentimentos ou traumas anteriormente reprimidos.” Disponível em: <http://www.dicio.com.br/catarse>. Acessado em: 31/01/2019 às 15h50.

³³ MANSUR, Gilberto. *Entrevista: um encontro de status com gente muito importante*, 1984 apud BARBOSA, Rita de Cassia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*, 1987, p. 7.

seus poemas “procuram dignificar, cantar o amor físico, porém sem nenhuma palavra grosseira, sem nenhum palavrão, sem nada que choque a sensibilidade do leitor. É uma coisa de certa elevação”³⁴. Elevação essa, da própria alma, do próprio espírito.

³⁴ Ibidem, p. 8.

3. “UM INSTANTE ETERNO”: A NATURALIDADE DO AMOR EM AMOR – POIS QUE É UMA PALAVRA ESSENCIAL E ERA MANHÃ DE SETEMBRO

*Amor não é completo se não sabe
coisas que só amor pode inventar
Procura o estreito átrio do cubículo
aonde não chega a luz, e chega o ardor
de insofrida, mordente
fome de conhecimento pelo gozo...*³⁵

É nessa “fome de conhecimento pelo gozo”, no trecho em destaque desta seção, que o leitor entra contato com o mais sublime sentimento de completude quando se deleita no mundo d’*O Amor Natural* de Drummond.

O amor natural reúne quarenta poemas de temática sexual. Apesar de o lançamento acontecer em 1992, postumamente, não era novidade a temática ser abordada por Drummond. Alguns poemas de caráter sexual, foram publicados em revistas e jornais entre as décadas de 70 e 80, mas desde o seu primeiro lançamento, Drummond demonstra inquietudes sobre o assunto, como podemos verificar no ensaio de Mariana Quadros ao livro *O amor natural*: “De fato, desde *Alguma poesia*, primeiro livro publicado por Drummond, a inquietude decorrente da repressão sexual ou da libido insaciada ganha vulto”³⁶.

Em 1970, Carlos Drummond de Andrade começou a publicar alguns poemas eróticos em revistas direcionadas para diferentes públicos e em edições de arte, estimulando os leitores a conhecerem mais desse lado anônimo/erótico do poeta.

O pudor, pela parte de Drummond, sempre foi observado com o receio que o autor tinha em publicar os poemas, e essa briga interna do próprio escritor e seus poemas perdurou durante anos. Durante a troca de correspondências em 1954 com Abgar Renault, confessa-lhe que “A ideia da publicação *en secret* dos poemas eróticos foi posta de lado: iria desmoralizar-me até a décima geração”.

³⁵ ANDRADE, Carlos Drummond. *A outra Porta do Prazer* in *O Amor Natural*, p. 37.

³⁶ QUADROS, Mariana. Nenhum canto radioso? (posfácio) In ANDRADE, Carlos Drummond. *O Amor Natural*, Editora SCHWARCZ S.A. — São Paulo.

Tal temor, deve-se a onda pornográfica daqueles anos, o autor dos poemas eróticos confessou seu temor de que seus poemas fossem mal interpretados e comparado a uma pornografia mercantilista.

Drummond, no entanto, em vida copiou os poemas e entregou a amigos e familiares, dando a entender que a decisão de publica-los não seria do autor. Para Drummond a sua relação entre ocultá-las e publicá-las já estaria resolvida, no final de sua vida esse dilema não o mais perturbava, e foi em 1992, cinco anos após sua morte, que seus leitores forem presenteados com sua mais nova obra lançada *O amor natural*.

Os poemas introdutórios do livro, que desde o título, dão a visão da experiência que leitor terá durante toda a obra: viver a naturalidade do amor. O Poema “Amor – pois que é palavra essencial”, introduz o livro *O Amor Natural* de Drummond, e traz a essencialidade do Amor em sua completude, carne e espírito, e só podem ser experienciados na concretização do “Amar”.

Amor — pois que é palavra essencial

Amor — pois que é palavra essencial —
comece esta canção e toda a envolva.
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expandir-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?

O corpo noutro corpo entrelaçado,
fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu completados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.

Integração na cama ou já no cosmo?
Onde termina o quarto e chega aos astros?
Que força em nossos flancos nos transporta
a essa extrema região, etérea, eterna?

Ao delicioso toque do clitóris,
já tudo se transforma, num relâmpago.
Em pequenino ponto desse corpo,
a fonte, o fogo, o mel se concentraram.

Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.

E prossegue e se espraia de tal sorte

que, além de nós, além da própria vida,
como ativa abstração que se faz carne,
a ideia de gozar está gozando.

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o clímax:
é quando o amor morre de amor, divino.

Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

O poema inicia-se com um apelo, como se fosse uma oração ao próprio Amor:

Amor — pois que é palavra essencial —
comece esta canção e toda a envolva.
Amor guie o meu verso, e enquanto o guia
reúna alma e desejo, membro e vulva.

Nesta primeira estrofe, é visível a indicação do poeta a respeito da estrita definição de amor. Pois, é muito mais que um simples sentimento, é o Ser efetivamente, é o pleno viver, é “essencial”, como nos canta o poeta. Ele canta, suplica que “comece esta canção e toda ela envolva”, abrace-a com o que o amor é, “alma e desejo, membro e vulva”. Uma canção que seja envolta de um Amor puro, completo de corpo e espírito.

O poema é composto por dez estrofes de quatro versos cada. E nele, o poeta canta a dança de dois corpos se unindo em um. O poema nos convida a dançar esse instante, até que se atinja o “puro grito”. Uma dança envolvente e cheia do prazer de amar, que ninguém ousará reduzi-lo a um simples sentir, mas, o viverá por completo até que desabroche no ápice do instante infinito do orgasmo:

Quem ousará dizer que ele é só alma?
Quem não sente no corpo a alma expando-se
até desabrochar em puro grito
de orgasmo, num instante de infinito?

Os corpos se enlaçam numa confusão do amar, de se tornar um. De buscar o que há no mistério da origem do Ser. Diluindo-se em um, hora sendo dois, na outra dois em um:

O corpo noutro corpo entrelaçado,

fundido, dissolvido, volta à origem
dos seres, que Platão viu completados:
é um, perfeito em dois; são dois em um.

O livro *O Amor Natura*, é permeado de intertextualidade, o que fortalece seu valor entre os clássicos da literatura, segundo Mariana Quadros:

“Recordando Italo Calvino em *Por que ler os clássicos* – um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer –, *O amor natural* não somente se enquadra na definição, como também retoma inúmeros outros autores e obras que merecem o mesmo epíteto, criando uma rede de referências incessante, em consonância com aquilo que Vítor Manuel de Aguiar e Silva afirma em *Teoria da Literatura*: “Todo texto literário se situa, de modo mais ou menos visível, num espaço *intertextual*”³⁷

A princípio como no terceiro verso da estrofe citada acima, “dos seres, que Platão viu completados”. Para Mariana Quadros, o amor platônico é subvertido, pois:

“a superação dos limites humanos graças ao sexo encontra na carne a via de acesso à origem dos seres em uma trajetória bastante diversa da ascensão de linguagem platônica, a qual prevê o gradual abandono do mundo sensível. Esse contraponto sintetiza o mecanismo de retomada da poética e do pensamento clássicos em *O amor natural*: movimento inspirado a recuperar formas e temas para lança-los em um contexto que os modifica substancialmente”³⁸

Se para Platão o amor é puro e alcançado apenas pelos deuses, para Drummond ele pode ser encarnado e concretizado na junção de dois corpos em uma diluição em um.

Drummond traz um diálogo com a concepção clássica do que seria o amor. Começa, como visto anteriormente, “subvertendo” a concepção platônica, e conclui fazendo referências ao penúltimo canto de *Os lusíadas* de Camões - quando nos traz a imagem do homem se deleitando do mundo dos deuses quando alcança a recompensa pela vitória de suas lutas – que entra na paz dos deuses quando atinge o gozo:

“Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo

³⁷ AGUIAR E SILVA, 1979, p. 34 apud QUADROS, Mariana. Nenhum canto radioso? (posfácio) In ANDRADE, Carlos Drummond. *O Amor Natural*, p. 15

³⁸ Ibidem, p. 62

o que a um deus acrescenta o amor terrestre.”³⁹

Assim nos diz Maria Amélia, “com o clímax, [...] “o que lhe acrescenta” “o amor terrestre”. Os heróis alcançam seu posto: o leito divinal”⁴⁰, os corpos alcançam sua recompensa divinal.

Para Platão o amor puro é inalcançável ao homem e Camões é uma recompensa dada apenas pelos deuses, para o poeta Drummond, a sublime experiência do amor está no envolvimento de dois corpos:

Vai a penetração rompendo nuvens
e devassando sóis tão fulgurantes
que nunca a vista humana os suportara,
mas, varado de luz, o coito segue.⁴¹

As imagens divinais durante todo o poema, nos levam a um cenário sublime e desenhado apenas pelos amantes que os vivenciam. A beleza do amar está presente durante cada ato cantado, mesmo que os sentidos se confundam entre terra e céu: “Integração na cama ou já no cosmo?”, “Onde termina o quarto e chega aos astros?”⁴², “já tudo se transforma, num relâmpago”⁴³. Imagens que são construídas durante o “coito”.

Mesmo se utilizando de palavras obscenas, o poema erótico de Drummond nos traz também, a delicadeza que em nenhum momento causam desconforto, como em, “Ao delicioso toque do clitóris”⁴⁴, ou em, “no úmido subterrâneo da vagina”⁴⁵. As palavras nos enlaçam sem nos confundir quanto aos seus sentidos, elas são o que são. Não há camuflagem de termos, há o objeto desenhado e cantado como ele é, no entanto, com a sutileza que só o Amor pode fazer. O poeta ama com as palavras. o obsceno perde seu valor, quando se conecta com o todo do poema.

O texto erótico é marcado pela sutileza, que para Merquior é transmitida na sincronia entre as palavras, na qual em suas palavras, “nenhum corpo será obsceno a

³⁹ Estrofe 10.

⁴⁰ DALVI, Maria Amélia. Drummond, do corpo ao *corpus*: o amor natural toma parte no projeto poético-pensante, 2013.

⁴¹ Estrofe 6.

⁴² Estrofe 4, Verso. 1-2.

⁴³ Estrofe. 5, Verso. 2.

⁴⁴ Estrofe 5, Verso 1.

⁴⁵ Estrofe 9, Verso 2.

meus olhos se for gracioso [...]”⁴⁶. Deste modo, Drummond transcende o obsceno por meio da ligação significativa entre as palavras que traz em seus versos.

Ainda para Merquior, um texto, por trazer o sexo como tema, não pode ser considerado obsceno:

[...] por isso não é nunca adequado chamar-se a uma página obscena por causa da presença de temas sexuais; por isso, contra essa opinião asnal, contra essa visão puritana, contra essa consideração do sexo como obscenidade em si, nós defendemos a ideia de que uma passagem obscena não o é, a priori, por tratar de sexo, mas antes se torna obscena, conforme degrada, a um dado instante, o seu tema-sexo em matéria desgraciosa⁴⁷.

Assim, os poemas de Drummond, mesmo trazendo o sexo como tema para cantar o Amor, ele o faz com graciosidade, com uma leveza paradoxal, mesmo quando narra o intenso e desesperado ápice do prazer.

E num sofrer de gozo entre palavras,
menos que isto, sons, arquejos, ais,
um só espasmo em nós atinge o clímax:
é quando o amor morre de amor, divino.⁴⁸

As palavras ganham carne na medida que se relacionam em si, sendo elas acariciadas pelo próprio leitor. A leitura do poema não seria então o próprio coito? Esse seria o jogo que Drummond utiliza em sua escrita, o fazer sentir o prazer até que as palavras se reduzam a “[...] sons, arquejos, ais”, anunciando a morte em um “espasmo” num instante que é “divino”. Ler, é o sentir puro do amor divino. Nas palavras de Merquior, “há uma delícia em provar poesia [...]”⁴⁹

O poema canta a liberdade de dois corpos que antes reprimidos desconheciam a completude de viver. Amar reflete todo o paradoxo de viver, e revela o mistério da morte prazerosa de um instante de alívio e desligamento de todos os sentidos que os ligam ao mundo.

Quantas vezes morremos um no outro,
no úmido subterrâneo da vagina,
nessa morte mais suave do que o sono:
a pausa dos sentidos, satisfeita.⁵⁰

O Amor tona-se naturalmente vivido pelos corpos que antes era alcançado apenas pelos deuses. Nessa “morte suave” não mais temerosa, mas repetidamente

⁴⁶ MERQUIOR, José Guilherme. A escola de Bocage. In: Razão do poema, 1996, p. 159.

⁴⁷ Ibidem, p. 159.

⁴⁸ Estrofe 7.

⁴⁹ MERQUIOR, José Guilherme. A escola de Bocage. In: Razão do poema, 1996, p. 160.

⁵⁰ Verso 10.

atraente, desejosa. Num sublime final, ato se consolida num mútuo agradecimento por transcenderem o próprio corpo material, que é acrescentado pelo amor terrestre. O amor divino desce a terra.

Então a paz se instaura. A paz dos deuses,
estendidos na cama, qual estátuas
vestidas de suor, agradecendo
o que a um deus acrescenta o amor terrestre.

Drummond, não apenas canta o amor em sua essencialidade, mas revela-o na junção do senti-lo e vivê-lo, sem, de alguma maneira, diminuí-lo. Em uma entrevista a *Leia*, São Paulo, disse:

Eu acho que, até agora, a grande parte, se não a totalidade, das obras literárias que falam de amor procura exaltar ou analisar o amor como uma mistura de amor físico e amor espiritual. Não há a tônica sobre o amor físico como uma expressão digna do amor. Quando nós falamos de amor, nós falamos mais de um sentimento do que de uma práxis, de uma experiência. A minha ideia foi enaltecer o lado físico do amor, numa linguagem poética e com dignidade.⁵¹

Drummond, sem dúvidas, alcança sua pretensão. Durante a leitura de *O amor Natural* ele, de fato, nos encanta com a perfeita exaltação do amor físico, sem de alguma forma, diminuí-lo em sua essencialidade sentimental.

Outro poema que nos faz viver esse amor puramente completo é “Era uma manhã de setembro”. Neste poema, o eu-lírico durante o sexo oral, é transportado em uma confusão de cenas que vão de sua infância até o futuro, uma confusão repleta de êxtase revelando-nos, por meio de sua sublime linguagem, o Amor em sua completude: sentimento/físico.

ERA MANHÃ DE SETEMBRO

Era manhã de setembro
e
ela me beijava o membro

Aviões e nuvens passavam
coros negros rebramiam
ela me beijava o membro

⁵¹ Entrevista veiculada em *Leia*, São Paulo, no 82, pp. 22-3, ago. 1985. Apud QUADROS, Mariana. Nenhum canto radioso? (posfácio) In ANDRADE, Carlos Drummond. *O Amor Natural*. p. 60.

O meu tempo de menino
o meu tempo ainda futuro
cruzados floriam junto

Ela me beijava o membro

Um passarinho cantava,
bem dentro da árvore, dentro
da terra, de mim, da morte

Morte e primavera em rama
disputavam-se a água clara
água que dobrava a sede

Ela me beijando o membro

Tudo que eu tivera sido
quanto me fora defeso
já não formava sentido

Somente a rosa crispada
o talo ardente, uma flama
aquele êxtase na grama

Ela a me beijar o membro

Dos beijos era o mais casto
na pureza despojada
que é própria das coisas dadas

Nem era preito de escrava
enrodilhada na sombra
mas presente de rainha

tornando-se coisa minha
circulando-me no sangue
e doce e lento e erradio

como beijara uma santa
no mais divino transporte
e num solene arrepio

beijava beijava o membro

Pensando nos outros homens
eu tinha pena de todos
aprisionados no mundo

Meu império se estendia
por toda a praia deserta
e a cada sentido alerta

Ela me beijava o membro

O capítulo do ser

o mistério de existir
o desencontro de amar

eram tudo ondas caladas
morrendo num cais longínquo
e uma cidade se erguia

radiante de pedrarias
e de ódios apaziguados
e o espasmo vinha na brisa

para consigo furtar-me
se antes não me desfolhava
como um cabelo se alisa

e me tornava disperso
todo em círculos concêntricos
na fumaça do universo

Beijava o membro
beijava
e se morria beijando
a renascer em setembro

Em Era manhã de setembro, assim como em Amor – pois que é palavra essencial, o poeta não camufla as palavras que refletem o corpo, ao contrário as expõe como no próprio ato sexual, assim como dissera, mantém sua “dignidade. As palavras não ganham roupas, elas são despidas e se relacionam até desabrocharem no mais puro prazer:

Era manhã de setembro
e
ela me beijava o membro

Logo na primeira estrofe o poeta nos mostra o desdobramento do sexo oral, mas antes disso, preenche o cenário com ar da primavera imperante no mês de setembro. O sexo aflora juntamente com a primavera, inaugurada no nascer do dia “Era manhã”.

Essa estrofe é constituída por três versos, sendo o segundo composto por apenas uma vogal “e”, que liga o título do poema “Era manhã de setembro” a “ela me beijava o membro”. É interessante destacar esse terceiro verso que está em destaque na primeira estrofe no qual todo o poema gira. Tudo acontece, mas o que importa ao eu-lírico é o que ela faz a ele. Durante o poema esse terceiro verso se repete tornando-se um refrão, que potencializa o sentido de todo o poema.

Várias imagens surgem durante o ato sexual, mas o eu-lírico sempre retorna ao motivo de sua dispersão, “ela me beijava o membro”.

Aviões e nuvens passavam
coros negros rebramiam
ela me beijava o membro

Seus sentidos se aguçam em lembranças corriqueiras “Aviões e nuvens passavam”, que se desfazem em grunhidos coléricos que se repetem “rebramiam”, em uma espécie de “coros negros”. Uma dispersão que se intensifica com o andamento do ato, levando-o a cenas mais remotas, diluindo-o juntamente com a percepção do tempo, como na terceira estrofe:

O meu tempo de menino
o meu tempo ainda futuro
cruzados floriavam junto

Durante o sexo, tudo aflora assim como o período em que ocorre o ato sexual.

Como dito, *O Amor Natural* foi lançado postumamente, mas os poemas que nele contém, são de variadas que percorrem toda a escrita de Drummond. Neste poema, podemos o motivo da hesitação de Drummond, quanto a revelação de seus escritos licenciosos quando ainda em vida.

Em algumas entrevistas chegou a revelar seu temor a possível ligação de seus escritos eróticos a indústria pornográfica, visto que, em seu ver o momento era deste tipo de texto. O Amor que Drummond canta, no entanto, está distante do amor pornográfico mercadológico. Sua escrita possui uma genialidade própria aos textos eróticos, um jogo poético. O poema *Era manhã de setembro* possui a genialidade do texto erótico, pois transcende um ato que seria, na visão de muitos, pejorativo, marginal.

Em um complexo jogo, o ato sexual é repleto de imagens contorcidas assim como o próprio sexo. O uso de antíteses como nos versos “Morte e primavera em rama”, no qual nos remonta a imagem da morte, em plena vida, representada pela primavera. Ou, em “água que dobrava a sede”, sentimento de prazer insaciável, quanto mais o tem mais o quer.

A dispersão do tempo durante o sexo faz presente no verbo “beijar” que, no poema, hora encontra-se no passado, “beijava”; presente, “a me beijar” ou no gerúndio “beijando”, que traz um sentido de continuidade. Está ação – beijar – dá-se repetidas vezes, eterniza-se no penúltimo verso da última estrofe “e se morria beijando”.

Tanto em “Amor – pois que é palavra essencial” e “Era manhã de setembro” a imagem do divino aparece em consonância com a “libertinagem” humana. A relação do ato sexual ligado a uma imagem santa consolida a pureza do sexo elevado à divindade, como na estrofe quatorze:

como beijara uma santa
no mais divino transporte
e num solene arrepio

O amor divino desce a terra no momento em que se revela o êxtase pela morte efêmera que dá luz ao gozo, “e se morria beijando; a renascer em setembro”.

Aqui consolida-se a ligação do sentimento ao ato físico que o poeta adere ao Amor. A prece que foi feita no primeiro poema analisado foi atendida. Pois durante todo o livro, a começar por *Era uma manhã de setembro*, o amor foi concretizado em sua plenitude: alma e desejo, membro e vulva. Cantado de maneira sublime, com a genialidade de um grande poeta que é Drummond.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio a confusa definição dos conceitos de pornográfico, obsceno e erótico e de sua estreita delimitação, foi possível verificar a importância de se diferenciar tais conceitos. Durante o percurso até aqui notamos o quão necessário é reconhecer as peculiaridades e aspectos de cada texto.

Nosso intuito durante a pesquisa e a escrita foi detectar em qual desses conceitos a obra póstuma de Carlos Drummond de Andrade está inserida. Durante esse processo foi possível demonstrar a relação da poesia drummondiana com as noções de obsceno, pornográfico e erótico, no que implicam na arte e no engenho da sua escrita.

O amor Natural, sem dúvidas reflete o brilho do erotismo, pois, dentro da complexa escrita dos poemas, Drummond canta o Amor em sua essencialidade, ou melhor, naturalidade, como nos remete o título de seu livro.

Nos poemas de Drummond, o corpo transcende sua própria matéria, chega a atingir o mistério divino do amor. Transcende sua materialidade, seus limites alcançando a liberdade que poucos se permitem, marcado pelo ápice do gozo.

Em *O Amor Natural*, o obsceno perde sua categoria e torna-se gracioso aos quando entra em contato com o jogo das palavras, o que de imediato diferencia o livro de Drummond da indústria pornográfica vazia voltada ao comércio e o aproxima do complexo e brilhante erotismo.

Para Merquior, “a literatura começa a ser chata quando as palavras não nos excitam; quando não desejamos o texto; quando nossa sensibilidade, intocada por ele, não “acaricia” as palavras.”⁵², o texto de Drummond, com certeza nos instiga a “acariciar” as palavras, ou melhor, vivê-las por completo.

Sobre *O Amor Natural*, Mariana Quadros conclui sua reflexão de maneira assertiva:

Também os leitores terão muito com que se satisfazer ao ler esta que se tornou a despedida sorridente de um poeta tantas vezes atormentado pelo desconcerto de tudo. Esse

⁵² MERQUIOR, José Guilherme. A escola de Bocage in Razão do poema, 1996, p. 160.

canto radioso expressa um outro mundo, também vigoroso, entre os diversos legados pelo escritor.⁵³

O livro erótico, ao contrário do que Drummond acreditava, veio para complementar o vasto arco temático e estético da sua criação poética. Em um momento em que tudo se volta para o desenfreado consumismo, sua obra consolida e torna a valorizar a literatura erótica, elevando a linguagem libertina, desempenhando no leitor uma função de formação do desejo.

Os poemas analisados, “Amor – pois que é palavra essencial” e “Era manhã de setembro” confirmam a beleza e complexidade que Drummond desenvolveu em seu livro *O Amor Natural* em geral. Nosso objetivo principal foi mostrar como Drummond revela a essência do amor, como ele o concebe e conceitua em seus poemas eróticos.

Durante a análise algo que nos chamou atenção é sincronia que as palavras exercem umas com as outras, o que fez com que sentíssemos a necessidade de interpretar o poema em estrofes inteiras, pois os versos se complementam em um significado uno, como o próprio ato sexual. Aspecto esse, inerente a literatura erótica. Assim como revela-nos o amor em sua completude. Assim, foi possível reconhecermos a importância da obra de Drummond para literatura brasileira.

⁵³ QUADROS, Mariana. Nenhum canto radioso? (posfácio) In ANDRADE, Carlos Drummond. *O Amor Natural*, Editora SCHWARCZ S.A. — São Paulo, p. 74.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **O Amor Natural**. Editora SCHWARCZ S.A. — São Paulo. Disponível em: www.companhiadasletras.com.br
- BARBOSA, Rita de Cassia. **Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade**. Ática S. A. São Paulo -SP, 1987.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Editora Perspectiva, 1987.
- CAMPOS, Haroldo de. *Drummond, mestre de coisas*. In: **Coleção Fortuna Crítica**. Seleção de textos: Sônia Brayner. Civilização Brasileira, 1978, p. 246.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- DALVI, Maria Amélia. **Drummond, do corpo ao corpus**: o amor natural toma parte no projeto poético-pensante - Vitória, ES: EDUFES, 2013
- ESTEVES, Lainister de Oliveira. **A crucificação necessária**: o projeto literário de Henry Miller. Mestrado (Mestrado em História Social) - Programa de pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Rio de Janeiro, 2009.
- MAFFEI, Luis. “*Canto a Beleza, Canto a Putaria*”: de Bocage a Camões, de Bocage e Camões a Adília. **Via Atlântica**. Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, n. 11, 2007.
- MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**: ensaio de críticas e de estéticas – 2º ed. - Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1996.
- PESSÔA, André Vinícius. **Experiência e linguagem de Carlos Drummond de Andrade**. Disponível em: http://www.ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa15/andrevinicius_experiencia.pdf. Acessado em: 06/02/2019 às 12:26.
- PIRES, Antônio Donize. **A máquina do poema & a máquina do mundo**: primeiro esboço para uma poética. Revista Texto Poético | ISSN: 1808-5385 | Vol. 2 (1o sem-2005).
- QUADROS, Mariana. **Nenhum canto radioso?** (posfácio) In: ANDRADE, Carlos Drummond. **O Amor Natural**, Editora SCHWARCZ S.A. — São Paulo, p. 74.